

A Moda que Comunica a Guerra: O Estilo Militar do século XXI sob análise. ¹

Mariane Velho da Silva²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A moda bebe de várias fontes de inspiração para comunicar seus estilos e suas tendências. Através deste trabalho, corroboramos que a história é uma destas fontes, da qual a moda se apodera de momentos e os traduz em elementos que vem, posteriormente, a constituir tendências e consagrar estilos, como o Militar, que através da leitura de imagens, identificamos signos e significados. Pode-se constatar que o Militarismo na moda, a partir do século XXI, ganhou forças nas passarelas internacionais, e consolidou-se como um estilo, deixando de ser mera tendência sazonal. Aponta-se essa ascensão ao fato ocorrido no início do século, nos EUA, o atentado terrorista que desencadeou vários conflitos por diversos países, atingindo a economia e balançando a sociedade em âmbito global.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; moda; guerra; estilo militar.

INTRODUÇÃO

Fortemente influenciada por fatores históricos, a moda reflete em si causas e consequências dos acontecimentos vivenciados pela sociedade. O histórico bélico mundial não podia passar imune aos olhos da moda, e uma das resultantes das guerras que marcaram história e sociedade, foi o estilo Militar. As fontes de inspiração desta tendência são diversas, variam desde os uniformes de combate dos soldados, as fardas dos generais, dos majores, as roupas usadas pelos soldados motociclistas, os aviadores, enfim, cada “personagem” do cenário bélico contribuiu como fonte de inspiração para o que passa a ser mais que uma forte tendência (*military trend*), mas sim, um estilo consolidado na história da moda.

A escolha do estilo Militar se justifica porque, ao longo dos estudos, cresceu nítida a certeza em afirmar que o militarismo, há algum tempo, deixou de ser mera tendência passageira e consolidou-se como um estilo consagrado no mundo da moda. Após tal constatação surgiu, naturalmente, o questionamento do porquê desta transformação: o que a

1. Trabalho apresentado no DT08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

2. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, e-mail: mariane325@hotmail.com.

causou? Em busca de respostas, fez-se necessária a escolha de uma ferramenta com a qual se tornasse exequível uma análise do estilo, adotando uma postura que enxergasse a moda enquanto objeto epistemológico. Entra, então, no contexto do trabalho, a mais jovem das ciências humanas, a Semiótica.

Por ser um campo científico não muito tratado na academia de moda, buscou-se inicialmente discorrer sobre significados, conceitos e aplicações da Semiótica, apresentando parte da teoria Peirceana, que ensina a “ler” os signos, aplicando-a à moda. Entendida a ferramenta de análise, julgou-se necessária também uma explanação acerca da moda no contexto social, da história e do indivíduo através de um embasamento teórico sobre seu surgimento, segundo alguns autores e suas respectivas teorias, difusão e aplicação na sociedade ao decorrer do seu desenvolvimento.

Assim, através do uso da Semiótica, – ciência geral dos signos, na qual se estudam todas as formas de comunicação – sejam verbais ou não verbais, e se revela a lógica de como a realidade constrói-se e representa-se–, o presente estudo buscará inferir que existem implícitas significações sociais e históricas nos itens de moda relacionados ao estilo Militar, bem como os elementos que fazem com que tais itens sejam classificados como pertencentes a este estilo.

A segunda parte da pesquisa, com estudo de fontes primárias, consiste na análise de imagens de desfiles de moda coletadas do acervo de sites específicos de desfiles de moda, como o Style.com. Foram selecionadas 30 coleções de diferentes grifes internacionais de prêt-à-porter, desfiladas nos últimos 14 anos, para auxiliar na análise do que se pode configurar não mais apenas como tendência *military trend*, mas como estilo.

SEMIÓTICA COMO FERRAMENTA NA LEITURA DE IMAGENS

A semiótica é dita “como a ciência geral de todas as linguagens” (SANTAELLA,1983, p.7), através da qual se estudam todas as formas de comunicação – sejam verbais ou não verbais, e se revela a lógica de como a realidade constrói-se e representa-se. “Um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos, faz vir ao pensamento, por si mesma, qualquer outra coisa” (SANTO AGOSTINHO, apud Barthes, 2006, p. 39). Signo é tudo aquilo que se faz perceptível aos sentidos e remete à lembrança de algo (que também será outro signo, carregado de significado).

No final do século XIX e início do século XX, emerge no cenário da filosofia, reestruturando as teorias da Semiótica o filósofo (lógico, cientista, matemático) americano

Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), considerado o pai da Semiótica que definiu signo, semiose.

Nos estudos da Semiótica Peirceana, passa-se a saber que todo signo é portador de um significado interpretado através de sentimentos, ou seja, um interpretante emocional, que varia conforme seu intérprete bem como sua bagagem cultural. A definição mais simplificada, mas extremamente eficaz para elucidar o termo, é a de que signo é qualquer coisa que represente alguma coisa a alguém. E esse processo de representação, ou interpretação do signo e seu significado por um interpretante é o processo ao qual chamamos de semiose, que trata da capacidade humana de produção e interpretação de signos. Adotando uma postura pragmatista acerca da percepção dos fenômenos como nos acontecem, podemos afirmar que os significados dos conceitos que formamos através da interpretação, são um efeito sensorial que temos do objeto (signo) em questão, ou seja os conceitos formados são nada além daquilo que experimentamos e traduzimos através do chamado interpretante emocional.

Peirce (2000) diz que “(...) nada é signo a menos que seja interpretado como signo”, ou seja, é necessário que haja a um processo dinâmico de observação e interpretação por parte de um receptor para que o signo se consolide como tal na mente do mesmo.

Estabelecendo um diálogo com a moda, se pode iniciar o pensamento de que as roupas que o indivíduo escolhe comprar e vestir, a fim de construir sua imagem pessoal, são compostas de vários signos e, portadoras então, de diversos significados que comunicam, interpretados de diferentes formas.

O DISCURSO COMUNICACIONAL DA MODA E SUA LÓGICA SEMIÓTICA

A moda, fenômeno que abrange aos níveis sociais, culturais, históricos, tecnológicos e econômicos, propagou-se e veio a se tornar o fenômeno global que vivenciamos até os dias atuais. Uma das maneiras mais compreensíveis e eficazes para se compreender o contexto histórico de determinada época se dá através da análise da moda vigente no momento em questão. Ela nos fala dos valores sociais, econômicos, políticos, religiosos dentre outros aos quais a sociedade possa estar submetida. No decorrer da história da sociedade, a indumentária exerceu com maestria seu papel de estratificadora social. Disseminada por todos os possíveis meios e indivíduos, enquanto sistema discursivo, a moda caracteriza-se como um poderoso meio de comunicação não-verbal através de seus signos. Em uma sociedade que se encontra submersa em signos e trava, através deles, sua

retórica e seus discursos, declarar que a moda comunica através de signos e significados nos redireciona a uma discussão e avaliação de caráter semiótico da mesma.

Nossos hábitos e escolhas ao comprar e vestir não são aleatórios, pelo contrário, são a tradução de nossos desejos, de nosso estilo próprio, ainda que influenciado por tendências ditadas pela moda, há naquela escolha a essência de cada indivíduo, e essa escolha nunca é desprovida de sentimento. Tudo aquilo o que escolhemos comprar e vestir é feito com um propósito pré-estabelecido pela cultura segundo o significado que cada objeto de moda tem para nós. Através da moda “monta-se” a imagem que se deseja portar. Os signos da moda podem ser peças interpretadoras do *status*, profissão, estilo, tribo entre outras características do indivíduo que podem ser lidas através de sua indumentária.

No que concerne às teorias comunicacionais sógnicas na moda, nos cabe evidenciar as contribuições provenientes dos estudos de Roland Barthes e Malcolm Barnard. Barthes foi um filósofo estruturalista que propagou a semiologia de Saussure, tendo como ponto alto de sua trajetória nos estudos das linguagens verbal e visual a obra *Sistema da Moda* (1967). O autor aponta que "a significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato cujo produto é o signo" (BARTHES, 2006, p. 51). Barnard (2003) fala da metáfora que há na afirmação de que a moda é uma linguagem, afirmando que existem diversas linguagens do vestuário e cada uma possui seu próprio vocabulário e gramática, complementamos a afirmação considerando as diferentes expressões culturais. O autor atenta ainda ao fato de que, segundo essa afirmação, estaria corroborando a conclusão de que uma pessoa que tem menos itens de indumentária possui um vocabulário mais limitado do que o de uma pessoa possuidora de um fardo guarda-roupas.

A específica lógica temporal da moda traz as mudanças em períodos de tempo muito breves e passageiros, as tendências são rapidamente substituídas por outras novas, que tomam seu lugar e inovam conceitos a cada lançamento. Sobre essas mudanças nos significados das peças de indumentária, Barnard (2003) confirma-as relatando que é possível observar que mudam em acompanhamento ao decorrer da história, e que algo que comunicava determinado significado ontem, hoje pode comunicar algo diferente.

Esta afirmação permite uma pequena reflexão sobre como se faz possível aplicar à semiótica o conceito de pós-modernidade do sociólogo polonês Zigmunt Bauman (2001), que prefere intitular o presente da sociedade como *Modernidade Líquida*, onde conceitos se fundem no tempo e espaço, numa extrema fluidez. Sentimentos, significados, ideais se liquefazem e escorrem por entre os dedos. Termos como flexibilidade, fluidez, mobilidade,

são a voz da sociedade contemporânea. Para Bauman (2001) tempo e espaço deixaram de ser concreto e absoluto, respectivamente, e passaram a ser líquido e relativo, caracterizando a modernidade líquida. Ainda sobre a fluidez dos significados comunicados pelos signos, complementamos o pensamento corroborando com o fato de que os sentidos da sociedade são construídos pelo sistema numa relação cultural e social com a coletividade.

Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido. (SANTAELLA, 1983, p. 14).

Os objetos de análise em peças de indumentária são vários, cada qual portador de seus significados. Fala-se aqui de características que tornam específicas as vestes como sua cor ou composição de cores, o material do qual são produzidos, as suas formas (modelagem, recortes, comprimentos), possíveis estampas ou aplicações, etc.

Retomando às observações de Barnard (2003), tem-se que a comunicação exercida através da moda se dá como troca de mensagens entre seus usuários, proporcionando a interação social entre os mesmos. Estas mensagens estão contidas nos signos e são interpretadas através da leitura destes. Segundo a semiótica, cada receptor “lê” essas mensagens de forma particular, pois as interpretações dependem do interpretante emocional do indivíduo. E, portanto, Barnard (2003) fala da importância da eficiência no processo de envio, transmissão e recepção da mensagem.

O caráter semiótico da moda, de interação social entre indivíduos através da troca de mensagens, estabelece grupos sociais distintos, e estas trocas tornam um indivíduo membro ou não de determinado grupo. Cada qual, enviando suas mensagens, acaba por se encaixar em grupos que compreendem corretamente e compartilham suas mensagens expressas através de seu estilo. Assim são compostas diversas tribos de estilos que constituem a sociedade.

Por fim, sobre a leitura dos signos na moda, e a interpretação dos seus significados ou, pode-se dizer, a tradução das mensagens enviadas, é uma questão de convenção de valores e significados entre estilista, usuário e receptor. E, inevitavelmente, tais interpretações variam conforme a experiência cultural do receptor em questão.

A MODA E A GUERRA: O ESTILO MILITAR SOB ANÁLISE.

Fortemente influenciada por fatores históricos, a moda reflete em si causas e consequências dos acontecimentos vivenciados pela sociedade. O histórico bélico mundial não podia passar imune aos olhos da moda e uma das resultantes das guerras que marcaram história e sociedade foi o estilo Militar. As fontes de inspiração desta tendência são diversas, variam desde os uniformes de combate dos soldados, as fardas dos generais, dos maiores, as roupas usadas pelos soldados motociclistas, os aviadores, enfim, cada “personagem” do cenário bélico contribuiu como fonte de inspiração para o que passa a ser mais que uma forte tendência (*military trend*), mas sim, um estilo consolidado na história da moda.

É certo que o estilo vem de muitos anos atrás, e pode-se apontar aí, os pós-Guerras Mundiais, bem como outros períodos advindos de outros conflitos que aconteceram no decorrer da história. Porém, após analisar-se os lançamentos de tendências do século XXI, é inevitável conjecturar que um marco divisor de águas, que culminou na consolidação da tendência militar como um estilo, foi o inolvidável 11 de setembro, ataque terrorista aos EUA que culminou ao advento da Guerra do Terror, fatos estes que mudaram o rumo da história da pós-modernidade no século XXI. O reflexo destes acontecimentos na moda, foi a forte presença de elementos do estilo militar marcando coleções em todos os lançamentos seguindo firme até os dias atuais. Os elementos mudaram e vem mudando a cada nova coleção, apontando características específicas dos signos militares em releituras e adaptações em roupas e acessórios que saem das passarelas e editoriais e ganham as ruas do mundo afora, com discursos diferenciados. Vejamos, a seguir, quais são estes elementos e como se apresentam à moda.

ELEMENTOS ESTÉTICOS DO ESTILO MILITAR

Buscando definir o estilo Militar através de análise Semiótica de desfiles e editoriais que apresentaram o Militar como tendência, no decorrente século, encontramos elementos distintos que caracterizam e fomentam o Militarismo enquanto estilo, enquanto discurso de moda. Listando elementos avulsos, que estão presentes ou constituem a indumentária do estilo Militar, citamos a cartela de cores específica que conta com cinzas/grafite, verdes escuros, como o tom cáqui, marrons, bege, amarelo – mostarda. Outro elemento marcante no estilo Militar dá conta da modelagem, com bolsos grandes e com lapelas, geralmente

abotoados, presentes em casacos e calças. No peito, há o peitilho, um pedaço extra de tecido que, originalmente, servia para que se apoiasse a arma. Nos ombros, as dragonas abotoadas eram usadas para guardar o quepe dobrado.

Os cintos com tachas também são característicos do militarismo, e podem estar presentes também nas mangas, na altura dos punhos, onde tinham o objetivo de ajustar e isolar a entrada do vento. A estampa camuflada, utilizada até os dias atuais pelos exércitos, como o próprio nome diz, é usada como tática de camuflagem em ambientes, podendo ter os tons da cartela de cores citada anteriormente. Nos pés, a distinção se dá através dos coturnos, botas com amarração frontal e solado característico, com garras de aspecto pesado.

Outros elementos retirados do universo militar, se fazem presentes na moda, porém não tão ligados ao estilo Militar propriamente dito. Dos aviadores de guerra, a moda apropriou-se dos óculos que levaram o nome dos mesmos. Dos motociclistas, a jaqueta de couro batizada *Perfecto*, com uma modelagem muito específica, comprimento por volta do quadril, ou um pouco acima, fechamento frontal com zíper transversal, botões de pressão no colarinho, e um cinto próximo à bainha. O uniforme dos marinheiros franceses, as listras bancas e azuis índigo, consolidou-se na moda com o estilo *Navy*, pelas mãos de Coco Chanel, em 1920.

Apresentando como estes elementos reúnem-se para constituir e caracterizar a indumentária própria do estilo Militar, começamos apontando o icônico *Trench Coat* (Casaco de Trincheira), provindo originalmente dos casacos militares britânicos, é característico por seu trespasse frontal com abotoamento duplo. Bolsos também abotoados. O peitilho pode estar em um ou dois dos lados do peito. Nos ombros, dragonas abotoadas, um cinto na altura da cintura, e um cinto menor em cada punho. A cor clássica é o cáqui. A Burberry levou-o aos guarda-roupas como um casaco propício para dias chuvosos, pois era feito em material impermeável. Após o término da guerra, teve seu comprimento encurtado e hoje encontrado nos mais diversos comprimentos, tecidos e cores, com modificações na modelagem, mas sempre mantendo algum elemento que remeta as origens. Dos pilotos combatentes da força aérea inglesa, a moda apropriou-se da Parka, um casaco ou jaqueta ampla, também de tecido impermeável, propício as intempéries as quais estavam sujeitos os combatentes. Por este motivo também, as parkas possuem capuz com ajuste por amarração e gola esportiva que pode ser fechada por completo. O fechamento é frontal, com zíper,

podendo haver botões de pressão. Possui grandes bolsos frontais com lapela. As cores também respeitam a cartela militar, sendo que as mais ocorrentes são o verde, bege e cinza. O camuflado é a “estampa” padrão do estilo militar. O desenvolvimento de armas com alto poder de alcance, fez surgir a necessidade de vestes com as quais os soldados passassem despercebidos em meio a florestas, por exemplo. Como camaleões, espreitavam o inimigo escondidos a longas distancias. Utilizada até os dias atuais pelos exércitos mundo afora, varia entre os tons verdes e terrosos, dependendo do lugar, vegetação ou situação aos quais se aplicam, como por exemplo tons azuis para a marinha.

Dessa forma, fez-se uma caracterização e categorização geral dos elementos principais que compõem o estilo militar e como o mesmo se formou, a partir das raízes bélicas da história mundial. Percebe-se que o estilo bebe de fontes variadas das mais diversas divisões e categorias militares presentes nos grandes conflitos históricos da humanidade. A seguir, far-se-á uma breve varredura em desfiles de prêt-à-porter de marcas internacionais a fim de elucidar a força do estilo militar e sua constante presença nas passarelas. A coleta de imagens é bastante numerosa em todos os anos compreendidos no período, porém, se faz necessário o enxugamento destas por questões normativas à adequação do espaço que se dispõe no presente artigo.

A PRESENÇA DO MILITARISMO AO LONGO DO SÉCULO XXI

No ano de 2001, *Donna Karan* trouxe o militarismo nas cores características e casacos pesados, cintos largos, que remetem ao estilo trincheira.

Imagem 1: Donna Karan, outono 2001



Fonte: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2001/ready-to-wear/donna-karan>

Na coleção *Ralph Lauren* de 2003, a cartela de cores militar prevaleceu, além de casacos com abotoamento característico do estilo militar, bem como formas retas e amplas.

Imagem 2: Ralph Lauren, outono 2003



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2003-ready-to-wear/ralph-lauren/collection>

Em 2005, *Emporio Armani* trabalhou de forma nítida com o estilo militar aplicado a moda masculina, trazendo, inclusive, a estampa camuflada de forma diferenciada:

Imagem 3: Empório Armani, outono de 2005



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2005-menswear/emporio-armani/collection>

No ano seguinte, *Dolce Gabbana* trouxe uma coleção fortemente inspirada nos trajes militares, como os casacos dos majores, ousando no uso do branco para as mesmas:

Imagem 4: Dolce Gabbana, outono 2006.



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2006-ready-to-wear/dolce-gabbana/collection>

A *D&G*, no ano de 2008, caminhou pelo viés dos militares motociclistas, trazendo a jaqueta *perfecto* em releituras com aplicações e cores claras, além de ombros marcados com dragonas.

Imagem 5: D&G, primavera 2008.



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/spring-2008-menswear/d-g/collection>

Em 2010, *Banana Republic* apresentou peças com estilo militar conservando características do mesmo nos casacos compridos, estilo *Trincheira*.

Imagem 6: Banana Republic, outono de 2010



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2010-ready-to-wear/banana-republic/collection>

Em 2012, observa-se a cartela de cores militar apresentada por *Bottega Veneta*, além das formas retas e bolsos com lapela.

Imagem 7: Bottega Veneta, outono 2012



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2012-menswear/bottega-veneta/collection>

Um grande nome que aparece em nossa listagem neste ano é a grife *Chanel*, com sutis detalhes que remetem ao estilo militar: abotoamento, botas, a dobra do casaco na borda do segundo look, que remete a uma releitura das casacas inglesas do século XVIII.

Imagem 8: Chanel, outono 2013



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2013-ready-to-wear/chanel/collection>

Chega-se ao ano de 2015 e o que se percebe é que o estilo militar marca presença não só nas passarelas dos *Fashion Weeks* mundo afora, mas também em editoriais de revistas, sites e blogs de moda, como uma forte tendência de estilo.

A grife *Boss*, trouxe uma moderna releitura de elementos do estilo militar como abotoamento e cinto alto marcado e largo em linhas sóbrias.

Imagem 9: Boss, primavera 2015



Fonte: <http://www.style.com/fashion-shows/spring-2015-ready-to-wear/hugo-boss/collection>

No presente ano, muitas grifes continuam apresentando elementos Militares em suas coleções. No desfile de outono da Prada, observamos os casacos pesados, com seu típico abotoamento, bem como bolsos com lapelas, aliados a couros e peles.

Imagem 10: Prada, outono 2016.



Fonte: <http://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2016-ready-to-wear/prada>

As coleções aqui exibidas são suficientes para caracterizar a presença constante dos elementos que compuseram e definiram o militarismo ao longo dos séculos, permitindo que se perceba que desde 2001, com o recrudescimento das relações de guerra internacionais, o estilo ganhou as passarelas, exibindo desta forma o espírito do tempo presente devidamente apropriado pela moda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moda é o espelho da sociedade, do contexto ao qual a mesma esta imersa em determinado momento. Impressa nas coleções, a realidade dos valores de uma época é consumida pelos seus contemporâneos, que caminham nas ruas com elementos que discursam visualmente e fazem sentido para toda uma geração que participa da construção e leitura destes mesmos signos culturais. Assim, pode-se declarar que a moda, acima de tudo, comunica. E este trabalho corrobora tal afirmação.

Realizou-se a varredura nas coleções pertinentes ao prêt-à-porter internacional presente no atual século e, a partir dela, elucidou-se a conclusão de que o advento do militarismo enquanto estilo se deu no primeiro ano do século XXI, quando dos memorais ataques terroristas de 11 de setembro, aos EUA, que desencadearam a iminência de todo um contexto de guerras e conflitos que viriam a marcar e transformar a sociedade, na economia, política, nas questões religiosas e, principalmente, nas referentes aos direitos humanos. Na moda, a temática bélica imerge no universo da moda traduzida em peças de vestuário feminino e masculino, ganhando força e cara nova a cada estação, como ficou nitidamente

perceptível através das leituras das imagens dos desfiles de prêt-à-porter do decorrente século.

REFERÊNCIAS

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. **Inéditos**, vol. 3: imagem e moda. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Sistema da moda**. São Paulo: Editora Nacional/EDUSP, 1979.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 103).

SVENDSEN, Lars. **Moda**: Uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Banana Republic, outono de 2010. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2010-ready-to-wear/banana-republic/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Boss, primavera 2015. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/spring-2015-ready-to-wear/hugo-boss/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Bottega Veneta, outono 2012. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2012-menswear/bottega-veneta/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Chanel, outono 2013. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2013-ready-to-wear/chanel/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

D&G, primavera 2008. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/spring-2008-menswear/d-g/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Dolce Gabbana, outono 2006. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2006-ready-to-wear/dolce-gabbana/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Donna Karan, outono 2001. Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2001/ready-to-wear/donna-karan>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Empório Armani, outono de 2005. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2005-menswear/emporio-armani/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Prada, outono 2016. Disponível em: <http://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2016-ready-to-wear/prada>. Acesso em 12 de abril de 2016.

Ralph Lauren, outono 2003. Disponível em: <http://www.style.com/fashion-shows/fall-2003-ready-to-wear/ralph-lauren/collection>. Acesso em 20 de abril de 2015.